

Sarney: golpe é fantasma ao meio-dia

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Não há possibilidade de novo golpe militar no Brasil, onde as Forças Armadas estão justamente apoiando o processo democrático. A declaração foi dada pelo presidente José Sarney durante entrevista gravada em Montevideu, na quarta-feira, à emissora de televisão *Zaeta*, do Uruguai, e que vai ao ar hoje à noite. Para o presidente, admitir tal possibilidade "é ver fantasmas ao meio-dia". O presidente da República disse também que jamais enfrentou qualquer problema no setor, onde não houve nenhum caso de insubordinação, mas, ao contrário, o que existe são as Forças Armadas a serviço da consolidação das instituições e da transição democrática.

O presidente José Sarney garantiu ainda que, "sem esse apoio das Forças Armadas integrando essa grande comunhão nacional que se formou para a transição democrática, seria impossível que elas mantivessem a tranquilidade do avanço do processo democrático que nós estamos tendo".

Sarney também considerou totalmente encerrada a discussão em torno da duração do seu mandato, apesar de a questão estar ainda sob exame da Constituinte. O chefe do Executivo explicou que, na condição de presidente de honra do PMDB e de patrono da Frente Liberal, portanto com respaldo de dois terços dos constituintes, não acredita possa faltar apoio à sua decisão de cumprir cinco dos seis anos do seu mandato constitucional.

CRISE ECONÔMICA

A possibilidade de adoção de medidas recessivas para equacionamento da crise econômica também foi afastada pelo presidente, que previu um crescimento, em 87, de cerca de 5% do PIB. Acrescentou não ser possível manter a taxa de crescimento do País observada nos dois últimos anos, e garantiu que os índices com que trabalha o governo não indicam nenhuma fonte de recessão no País: "Nós continuamos com o crescimento de emprego, com o cresci-

mento industrial, estamos com a maior safra agrícola da História do Brasil".

O presidente acentuou ainda que, para acabar com os contrastes no País, seu governo vem investindo cada vez mais no setor social, esperando, caso sejam investidos 12% do PIB até o final do século, de uma maneira sistemática, chegar ao ano 2000 com o Brasil tendo um nível de vida igual ao dos países da Europa mediterrânea. Sarney explicou ter encontrado, quando assumiu o governo, um investimento de 8% na área social, percentual que se encontra hoje perto dos 10%.

O presidente José Sarney evitou reconhecer o fracasso do Plano Cruzado, observando que a iniciativa não pode ser examinada só pelo aspecto econômico. "O Plano Cruzado tem aspectos sociais permanentes. Ele mudou a sociedade brasileira, mudou hábitos de consumo. Evidentemente, nós tivemos problemas, problemas sérios, tivemos que fazer corretivos estratégicos e estamos saindo de uma fase da economia brasileira" — frisou.

Ele negou a existência de problemas estruturais na economia brasileira, que, garantiu, continua sólida e íntegra. "Estamos saindo do dois anos maiores de crescimento nesta década da nossa História econômica. Nós crescemos quase 20%. Este ano continuamos a crescer. Estamos com a maior safra agrícola da História, 65 milhões de toneladas de grãos. Estamos também com um resultado de salários reais de crescimento, a recuperação de perdas passadas que foram feitas. E, no momento, estamos enfrentando uma inflação grande, insuportável realmente. Mas nós vamos superar, eu não tenho dúvidas de que nós vamos superar e os nossos problemas são transitórios."

DÍVIDA EXTERNA

Em relação à dívida externa, o presidente José Sarney explicou que o Brasil deseja o diálogo, justamente para estabelecer condições justas de pagamento. Ele voltou a repetir que a dívida não pode ser paga senão nessas condições e que o caminho fundamental para se chegar a isso é o

desenvolvimento econômico." Sem desenvolvimento nós não teremos nenhuma condição de pagar a dívida, nem realmente de ter o objetivo do bem-estar dos nossos povos."

Ao comentar o apoio manifestado pelo presidente Fidel Castro à decisão do governo brasileiro de decretar a moratória, o presidente Sarney acentuou ser esta uma questão de princípios e não ideológica. Mas admitiu não haver contradição entre o pensamento do dirigente cubano e a decisão brasileira.

Mais uma vez, Sarney afastou a possibilidade de uma ação conjunta dos países devedores da América Latina para o equacionamento das suas dívidas externas. A seu ver, cada país deve enfrentar o problema da dívida de acordo com as suas condições. Mas, se daqui para frente, em qualquer instante, a situação econômica mundial mudar, tivermos juros elevados em termos como tivemos no passado, tivermos situações de protecionismos com abertura de novos mercados, que dizer, uma mudança por parte dos países desenvolvidos, das regras do jogo, de modo a impossibilitar um desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo, da área sul, do Cone Sul, eu tenho a impressão de que aí é um momento em, que os países terão de se reunir para buscar outro tipo de solução".

OPINIÃO PÚBLICA

O presidente Sarney evitou relacionar a questão da duração do seu mandato com o fracasso do Plano Cruzado, mas admitiu que, depois da reforma econômica, houve uma mudança de opinião pública, que considerou natural. "Mas, os países não devem ser governados pelas mudanças de opinião pública, como uma determinante da Duração do mandato presidencial ou da existência de instituições" — frisou o presidente. Sarney justificou, então, sua decisão de ficar cinco anos no poder, afirmando não ser possível a indefinição sobre o assunto, pois precisa governar sem essa perspectiva difusa da duração do mandato presidencial: "E esse debate eu considero, e já disse isso, uma questão praticamente encerrada, ou totalmente encerrada".